

O SÚBITO E A SURPRESA

Livro 78

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



A IMAGINAÇÃO

Exalto a imaginação que reveste o prazer com ânimo, arte e elegância, leva a efeito o refinamento que beneficia a paixão, fazendo-a transgressora, livre de misericórdias, profana, sem limites, devotamente ilícita. Abrigada e exposta, a imaginação costuma precipitar sentimentos exagerados; acreditando-se privilegiada, expõe seu âmago, não tolera o silêncio que a protege, corre como suor até a superfície, transborda e tira do caminho a rotina. Subtrai fraudulentamente, extrai a dor, abriga a alegria, manifesta superabundância, matando a fome e a sede. Facetada como diamante, reflete as muitas faces deslumbradas, com honra suficiente e indícios de felicidade.

A imaginação, que tudo pode, pratica escândalos, desavergonhada pensa em tudo, faz um poema e, ao mesmo tempo, ofende, nunca envelhece. Favorece-se da natureza que a alimenta e renova. Atravessa a realidade trazendo consigo a consolação, pois represa em si todos os sonhos; fabricando-os, cria afeição.

DARDEL, E.

“Ainda há muito que dizer sobre a maneira em que o homem dispõe da Terra como dono absoluto, provocando, frequentemente, a erosão do solo ou um regime de carestia alimentar próxima a fome”.



A TRISTEZA

Toda tristeza é lenta, contínua e onerosa. Apresenta-se como uma velha senhora exigindo respeito, limitando atos, determinando ordens e acabando com privilégios. Todos temem mexer com a tristeza e com os tristes, que escondem uma fortaleza por detrás de uma fragilidade.

A cada dia, a tristeza desenvolve uma nova moral para confirmar sua vocação de articular os sentimentos de todos. Ela, a tristeza, nem sempre é triste; às vezes ela se faz anônima, desistente, desesperançosa. Acaba com a condução do amor, dirige mal as paixões,

prega a ruptura, promove a perda, ganha credibilidade disfarçada de realidade. É fonte de poder, calcula o eixo que orienta a ingenuidade. Manipula como se zelasse por grandes virtudes, finge respeitar a alegria, acaba com a privacidade, exaltando o egoísmo que quase sempre a acompanha. A tristeza define a vida como árida, afirma que o amor é uma doença, faz movimentos de anulação, forma insuficiências, valida os piores, enaltece o desperdício, predispõe um enamoramento com a morte e com o risco. A tristeza interpreta uma versão que junta os temores e as falências, coopera com a ruína, demite pais e filhos de suas funções, cria guerra entre gêneros, mantém morta a afabilidade e demite a gentileza. Estimula o pouco caso, e para manter-se viva, ilude aos que a adotaram, os faz tomar medicamentos que alimentam o disfarce. Assim, ela se perpetua mantendo conquistado seu direito de ser nociva.

BESSE

“Para pensar, é preciso manter-se na proximidade das coisas, em sua zona de contato. Porém, ao inverso, é preciso poder deixar-se tocar, deixar-se alcançar pelo mundo que vem. Pensar é este poder chegar a ser sensível.”



PROVAS

É necessário que se leiam, e vejam marcadas as letras, estilizadas, letras que dizem e contam e promovam sorrisos, porque transmitem o que não se pode dizer pela voz, então pelas letras se prove cada centímetro como um arqueólogo que redescobre um tesouro, como mago que escreve um novo feitiço, como músico que escreve uma nova nota, como poeta que explora em um novo verso, como cozinheiro inventando uma receita, como astrônomo na busca da estrela, como um simples mortal que busca novas sensações, como tudo o que se queira.

LA PÉROUSE

“Os navegantes modernos não tem como objeto descrever os costumes dos novos povos, senão completar a história do homem”.



FALTAS

Será a letra que comece a traduzir o que coração dita, o que a alma voa para dizer e o que todas as células sentem. Vão dizer o que falta, dessas faltas que ficam escritas no olhar que atravessa até o coração e que sem pedir licença se instalam e para quem enfeitiça, provocam saudades. Escrever contos que contarão o que faz falta, essas faltas que consomem.

E de que valem essas letras? Os silêncios, as saudades, estreiam palavras nos silêncios, substituem os atos e preenchem as páginas em branco, dizem em voz alta e deixam sobre o papel o que as máquinas apenas podem memorizar, porque lhes faltam os afetos, as lembranças.

DARDEL, E.

“Encontrar novos pontos de vista para ampliar e suavizar a história do homem, integrar a sua própria visão do mundo os conceitos, as vezes tão singulares e tão diferentes aos de outras sociedades, é responder ao interesse pela humanidade do homem, prolongar o humanismo”.



O MUNDO BESSE

“Visto desde o alto, o mundo é plano. É desde abaixo onde há que começar, é aí onde há que permanecer ou voltar para lançar-se”.

NUNCA SE SABE

Nunca se sabe em que lugares buscar, há que se dispor a encontrar, abrir as bibliotecas, varrer os pós, cavar, escavar, buscar nas novelas, nos contos, nos dicionários, nos porões, nos baús, nas memórias, como memoriais, como biografias e ensaios, porém sempre com palavras que lhes darão vida e sentido, e ressuscitem a inibição de quem não pode ou não sabe dizer.



DARDEL, E.

“...a geografia, como “oxigênio da alma”, é sem dúvida, uma forma de humanismo”.

BESSE

“Toda experiência é esta espécie de graça pela qual o real chega a nosso encontro”.



FEITOS REFÉNS

Feitos reféns, cativos da ausência de símbolos, os humanos necessitam de intermediários para dar-lhes outras formas de existência, a tirar-lhes da solidão do silêncio com palavras ou com signos, manifestadas de mil formas em cores ou sons que substituam as pás e desenterrem suas limitações. Sempre haverá alguma escuridão que não ilumine e não ensine a ler, porque para sabê-lo não basta entender das letras, mas de compreendê-las e senti-las, de reutilizá-las e de com elas construir-se cartas de amor ou de intenções, com elas, criar identidades ou encerrar inquéritos.

PÉGUY

“O espírito vem de um lado. O objeto vem do outro, e ao encontro”.



DESMANCHE

Reduzem-se os ossos, adaptando-se ao fim. De posse do tempo, contestam as grandezas com uma desordem métrica. Abandonam a improvisação para cumprir seu destino. Nessa nova e constante ordem de coisas, se aprumam, edificam novos espaços, refazem interesses, comidas, dentes. Tumultuam-se os desejos não cumpridos que se acotovelam no estreito e agitado caminho. À flor da pele, esses desejos fazem a prosa maior que o feito, revivem mais do que vivem, reforçam o significado dos pequenos gestos, das poucas palavras. Forjam insistentemente, sem fogo, pedem pequenos favores, esfriam e aquecem facilmente, absorvem tudo o que se lhes permitem. Buscam sempre uma acolhi-

da, dilatam as horas fugindo da derradeira. De nada lhes serve a aflição. No corpo do tempo, desaparece o viço e ele converte-se em extremos, onde falha a fé. Qualquer valor nunca o alcança, e ele regula o próximo passo como se andasse no precipício. Fala em voz baixa, emprega todos os recursos em cada ação, espera o súbito e a surpresa sem alardes, com um olho admirando, com o outro condenando. O corpo do tempo quase não confia. Bebe a água em pequenas e deliciosas porções, adormece por falta de estímulos melhores, remedia o mal com a falta de memória atual, tornando-se benemérito do resgate; vencido pela saudade, afrouxa o rigor, remoça o antigo romance, cala-se em surdas revoltas. Como um recurso providencial, renuncia aos afetos não ofertados. Frequenta o dia como um objeto desprestigiado, repara que dele se despedem com ares definitivos. Posto como um complemento familiar repassa histórias, recupera memórias, repasta as jóias peripécias para repercutir e tornar a repor o passado, pelo tempo demolido.

KUSCH

“Detrás de toda cultura sempre está o solo”.



NIETZSCHE, F. – CONSIDERAÇÕES INTEMPES- TIVAS

O sentimento de profundo bem estar que a árvore sente subir desde suas raízes, o prazer de saber que nós não somos um ser puramente arbítrio e fortuito, mas um ser surgido de todo um passado do que é o herdeiro, a flor e o fruto, e que isso desculpa, e inclusive justifica, que sejamos quem se é, há aqui o que podemos denominar hoje como o verdadeiro sentido histórico.

JEROME BRUNER

“A mente igualada ao poder de associação e formação de hábitos privilegia o “enxerto” como a verdadeira pedagogia, enquanto que a mente tomada como capacidade para a reflexão e o discurso sobre a natureza das verdades necessárias favorece o diálogo socrático. E cada uma delas está vinculada a nossa concepção da sociedade ideal e o cidadão ideal”.



VIVÊNCIA COMPARTIDA DO PARTO INDIOS HUICHOLAS – MÉXICO

Os índios huicholes pensam que o casal da mulher deve compartilhar a dor e o prazer de dar a luz: para isso, enquanto ela está de parto, o marido se senta nas vigas situadas sobre sua cabeça com uma corda atada aos testículos. Cada vez que tem uma contração, a parturiente puxa da corda. Ao final, o marido sente tanta alegria pelo nascimento da criança como a mulher, ou

inclusive mais! Este costume de compartilhar as dores do parto, na que o homem mantém uma atitude simpática de acolhida ante a chegada do filho, está estendida entre muitos nativos.



A ORGANIZAÇÃO URBANA Bronowski

Curiosamente os nômades mongóis depois de conquistar várias culturas, se alimentaram de seus costumes e passaram a alimentar a terra sendo um degrau sólido da escalada do homem, instalando uma nova forma de harmonia entre os homens, que iria frutificar no futuro: a organização urbana.

OS SOZINHOS

Os sós, dificultados de se encontrar, atenuam sua prontidão. Notoriamente incompetentes para cobichar, a cimentar consideráveis sonhos. Sua continência transforma a habituação em uma urgente necessidade de amabilidades. Dilatadas, a aflição e a inquietude indiscretamente confessam a incapacidade dos incrédulos. Desnudar o vazio é decifrar os restos ficados. Desatinados os sós, oferecem sua disponibilidade sem eleição, realizam o rito do desencontro. Eludir é a sua arte. Frente a frente renunciam, pois, preparar uniões é um desafio censurado, o estar junto um ato pagão.



VENCIDOS

Nos culparam, se apoderaram das nossas liberdades. Vendendo fé e promessas de paraísos, se meteram em nossas habilidades, falando de coisas eternas. Vencidos, fáceis de aceitar culpas, tementes dos deuses e dos homens, rezamos errado, levantamos barreiras no ter-

reno equivocado. Sem terror, não nos avisamos de que o maior arдил é silencioso, diário, corrosivo; mente, invade a cama e a mesa, deixando-nos a todos vencidos. Incendeiam de forma hostil nossa paz, põem a miséria, usam o não saber perder, nem morrer, enaltecem grandezas e desventuras, retorcem os valores para aplaudir ordens imperfeitas que conduzem a misturar deuses e adoradores, hemorrágicos a doadores. Retumbam nas sombras incertezas que, no fundo, nos afirmam que nesta luta não somos vencedores.



PILHAGEM Bronowski

Genghis Khan e sua dinastia mongol trouxeram até o nosso milênio a pilhagem como meio de vida. De 1200 a 1300 d.C. viu-se a última tentativa de se estabelecer o domínio do salteador que nada produz sobre o camponês que não tinha para onde fugir. Em seu modo irresponsável, o nômade vinha apropriar-se das reservas acumuladas da agricultura.

INDICAR

Fazer, mais que supor-se igual. Igualar os pesos, a fortuna, os valores, os caminhos, a mesma altura, as angústias, as coisas mínimas, a força e a fraqueza, igualar as faltas e os excessos, as invenções, as fantasias, os risos, as dores, o espanto e a surpresa, o consentimento, as dificuldades, as considerações e o respeito, o lirismo e as graças, igualar o estorvo, a paciência, as cores e o acesso, o encanto e as diversões. Igualar a vergonha e a verdade, o impedimento e a permissão, a oferta, a humildade, o conhecimento e a oportunidade. Desacostumar as vilanias, rechaçar a convicção dos armados, inabilitar os odiosos, os falsos amores e as promessas não cumpridas. Redundar cuidados, morrer mais tarde, absorver a bondade, organizar reações prudentes e convincentes, resistir ao prazer imediato e ao corruptor, aceder à inocência e a serenidade do amanhecer.

VONTADES

Amando com excesso, os amantes não temem a ninguém, muito menos àqueles que apostam contra eles. Preparam-se para plantar rosas, colher excessos e, sutilmente, proceder como sempre o fizeram. Cuidam das ataduras como alicerces que, ao mesmo tempo em que prendem, libertam. Desde o amor, os amantes afastam a solidão, deixando os lamentos guardados para algum dia, caso tenham que remar sozinhos.



FALTA DE AMOR

Tirar o que cuida interrompe os sonhos que alimentam as energias que os amores necessitam. Ainda que resistam para vencer as vozes conturbadas e desagradadas por sua existência. Os ambíguos se acompanham entre doces e amargos pensamentos. Emudecem os cantos, os júbilos e os risos sem motivos aparentes. Desencontrados eles se alternam com falta de amores e promessas de revisão.

ANUNCIOS E OCASIÕES

Não há ocasião tão soberana que seja igual àquela dos encontros que aliviam as saudades. Presume-se que os amantes trocam segredos de estado, tal o sigilo que as almas repartem. Todo o bem desejado como cascata se distribui, superando os versos do mais poeta dos poetas, de tão admiráveis; irreproduzíveis. A soma dos fragmentos reinaugura uma nova façanha, superando a melhor das performances conhecidas até então. Primeiro, alegres pela possibilidade de voltarem a unir-se, depois um contentamento indescritível vertido na alma, e que se espalhou por todas as células, anunciando a alegria da vida animada por desejos loucos, possíveis de satisfazer. Estar contente é um mérito aceitado, construído pelas partes e sustentado por fantasias que dão qualidade aos destinos.



Roberto Curi Hallal

